

Editorial

Banditismo dos EUA no Golfo

Desde o dia 16 de janeiro, quando sob as ordens do imperialismo norte-americano, iniciaram-se os bombardeios maciços sobre Bagdá, o mundo vive momentos de grande tensão.

Invocando falsos pretextos e contando com o aval da maioria servil e submissa das Nações Unidas (exceção a dois pequenos e bravos países que se opuseram à resolução do Conselho de Segurança: Cuba e Iêmem do Sul), uma aliança espúria de países imperialistas e governos seguidistas, empenha-se numa sangrenta e bárbar operação guerreira para dobrar e, se for o caso, destruir uma nação soberana.

Uma aparatosa rede de desinformação e diversionismo foi montada pelos grandes meios de comunicação de massas sediados nos Estados Unidos para mostrar como divertimento televisivo a razia perpetrada pela aviação imperialista contra o território iraquiano. Todo o esforço é feito no sentido de encobrir as razões de fundo da guerra no golfo, interpretada pelos escribas a soldo do Pentágono com uma luta entre o "paladino da liberdade", George Bush e o "tirano anticristo", Saddam Hussein. Simultaneamente, procura-se fazer crer que é uma guerra do Iraque contra o resto do mundo.

A guerra do golfo, tem contudo, razões distintas: a antiga cobiça do imperialismo pelo controle da rica e estratégica região do Oriente Médio, onde se produz a maior parte do petróleo consumido pela sociedade ocidental, parasitária e decadente.

A eclosão do conflito está diretamente relacionada com a ofensiva do imperialismo norte-americano para afirmar-se como única potência hegemônica, após a perda de posições da URSS como superpotência e a derrota infligida ao socialismo e ao movimento revolucionário.

A guerra no golfo é momento agudo do antigo confronto entre o imperialismo e as nações oprimidas. Independentemente do caráter de classe das forças nacionalistas árabes, a luta dos povos e nações do Oriente Médio tem objetivamente caráter antiimperialista. Na medida em que travam uma cruenta e desigual guerra contra a maior potência militar do globo, estes povos e especificamente o iraquiano, enfileiram-se em posições destacadas na luta de libertação nacional.

Por isso, apoiar a heróica resistência do Iraque à agressão dos EUA e seus caudatários é dever de cada democrata e nacionalista em todos os países. A resistência iraquiana tem valor emblemático. Mostra que nem sempre os senhores do mundo encontram-se diante de adversários pusilânimes. Ao contrário, como agora, deparam-se com uma luta encarniçada de um povo disposto a ir até as últimas conseqüências para não se render ao agressor.

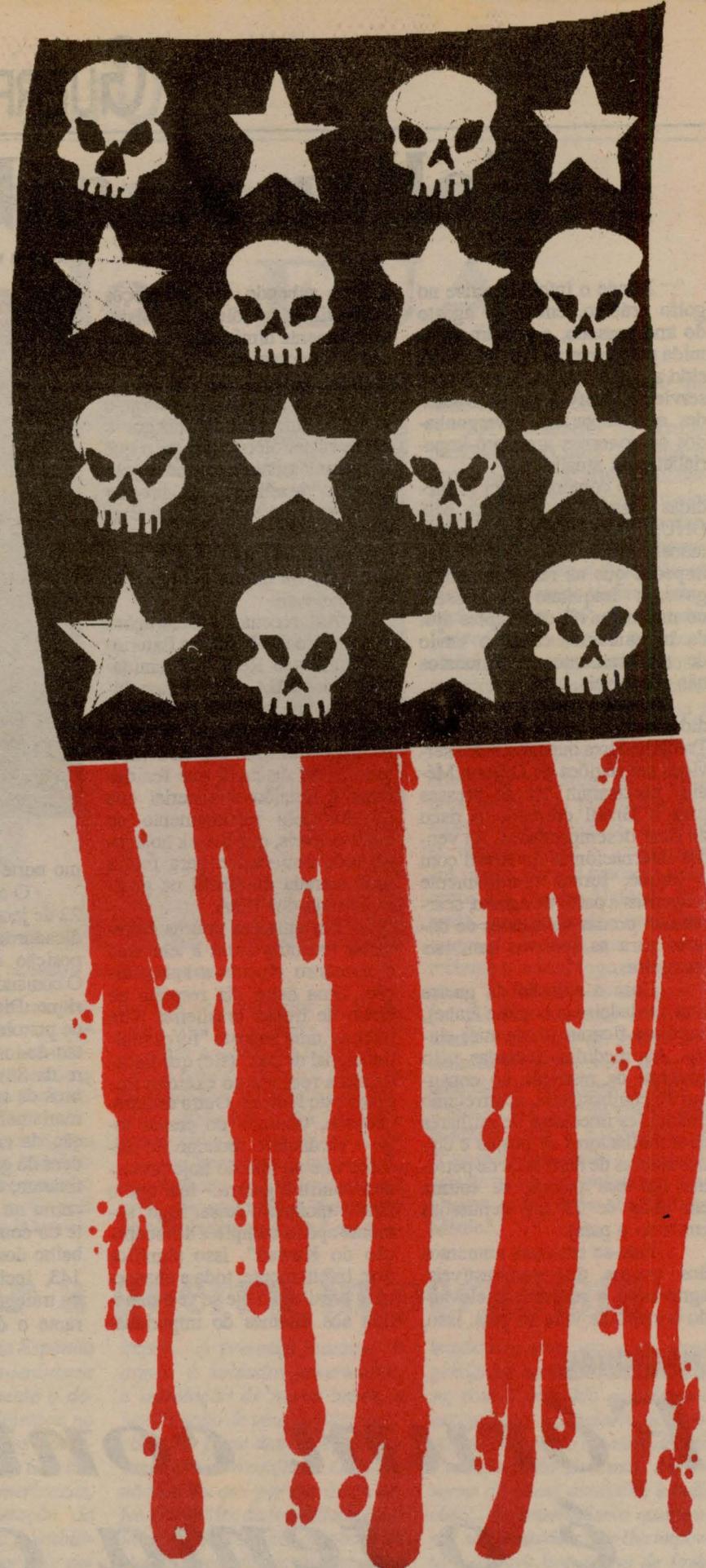
Por mais densa que seja a cortina de fumaça da desinformação, observa-se um crescente movimento de condenação em todo o mundo, inclusive dentro dos próprios Estados Unidos, aos fautores da guerra. Aumenta em toda a parte a exigência pelo cessar-fogo e pela retirada das tropas norte-americanas do Oriente Médio. Para os comunistas esta é uma tarefa central, pois se se organizam as forças de resistência ao imperialismo no plano mundial, podem surgir condições favoráveis para reerguer o movimento revolucionário e progressista.

Causa estupor e inquietação na população brasileira a posição assumida até agora pelo governo Collor. Para efeito propagandístico, proclama neutralidade, mas em declarações oficiais de teor político do Itamarati; e em algumas ações concretas, vê-se uma tendência a se alinhar com as posições do imperialismo norte-americano. Cabe ao povo brasileiro, a partir da união e organização de todas as forças progressistas, em grandes manifestações exigir que o País não se deixe envolver na aventura bélica imperialista. E organizar ao mesmo tempo uma ativa solidariedade à resistência iraquiana.

Mudanças de rumo na Albânia.

Artigo de João Amazonas.

Págs. 4 e 5



Neste número

Posição condenável do governo Collor. Pág. 2

Partidos comunistas denunciam imperialismo. Pág. 3

As justificativas da luta iraquiana. Pág. 6

O desmentido das previsões norte-americanas. Pág. 7

Manifestações contra a guerra em todo o mundo. Pág. 8

CDM

Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Collor se submete aos EUA

Lejeune Matogrosso*

Desde o início da crise no golfo arábico, em 2 de agosto do ano passado, a postura assumida pelo governo brasileiro tem sido a de se mostrar o mais subserviente possível, tomando atitudes que deixariam envergonhados os governos mais pró-imperialistas da atualidade.

Não contentes com as medidas restritivas adotadas pela ONU, sob determinação dos Estados Unidos, o governo Collor impediu que as relações com o governo iraquiano ocorressem no mesmo nível de simples ajuda humanitária, como o envio de medicamentos e alimentos não perecíveis.

O povo brasileiro tem perdido com o início do conflito. Trabalhadores que prestavam serviços em regiões do Oriente Médio, precisaram vir às pressas para o Brasil correndo o risco de ficar desempregados. As vendas internacionais do Brasil com o Iraque, foram sumariamente suspensas a partir de agosto, acarretando perdas de bilhões de dólares para as reservas cambiais brasileiras.

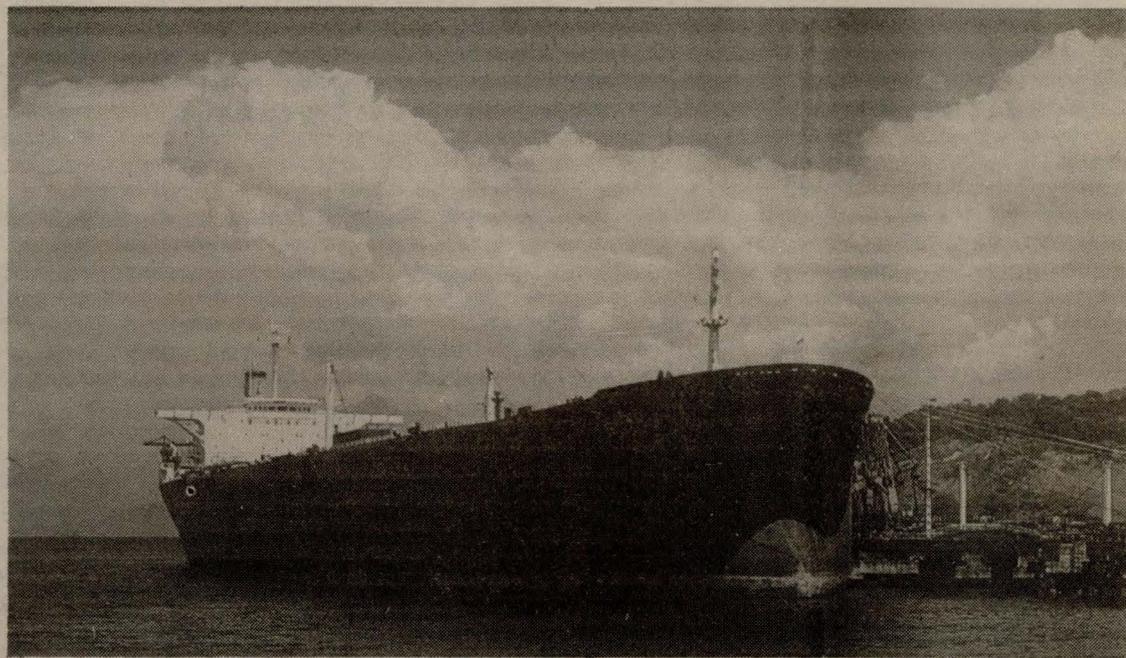
Com a eclosão da guerra (um verdadeiro genocídio árabe), as coisas ficaram ainda mais claras. As medidas adotadas pelo governo de restrição ao consumo de combustíveis, acarretarão demissões imediatas de milhares de trabalhadores de postos e distribuidoras de derivados de petróleo (só nos postos, se estima em mais de 23 mil demissões em todo o país).

Fala-se em mais aumentos dos preços dos combustíveis, agravando a recessão e elevando o custo de vida no país. Isso,

mesmo sabendo que os preços do barril de petróleo tem sistematicamente diminuído nos mercados internacionais (é preciso não esquecer que no ano passado o Iraque, tentando quebrar o bloqueio internacional chegou a oferecer petróleo de graça, o que foi prontamente recusado pelo governo brasileiro). É preciso destacar neste tópico que o Brasil deixou de comprar petróleo nos mercados exatamente num momento em que os seus preços despencavam.

As recentes declarações do ministro das Relações Exteriores Francisco Rezek, assumidamente pró-EUA, não deixam dúvidas sobre as reais intenções do governo brasileiro. Percebe-se nas entrelinhas das notícias e mesmo no discurso que fez durante a reunião ministerial que decidiu pelo racionamento de combustíveis, que Rezek hoje joga todo seu cacife para forçar uma entrada do Brasil na guerra ao lado dos EUA.

Em uma das poucas entrevistas recentes dadas à televisão o ministro elucida a sua posição. Uma delas diz respeito ao envio de tropas brasileiras para integrar uma suposta "força multinacional de paz" (sic) que fiscalizaria a retirada do exército iraquiano do Kuwait. Outra declaração sua, tratando do cessar fogo - verdadeiro reclamo de milhões que no mundo hoje protestam contra a guerra - fala que o Brasil apoiaria o cessar fogo "somente após a completa desocupação do Kuwait". Isso significa que, infelizmente, toda a chancelaria brasileira hoje se vê submetida aos ditames do imperialis-



A tripulação do navio da Petrobrás se revoltou contra a presença no Golfo Pérsico

mo norte-americano.

O episódio ocorrido no dia 22 de janeiro passado, nos dá indicadores mais seguros sobre a posição do governo brasileiro. O comandante do petroleiro "Henrique Dias" da Frota nacional de petroleiros da Petrobrás, capitão-de-longo-curso Jorge Teodoro da Silva e todos os 15 membros da sua tripulação foram sumariamente demitidos pela direção da empresa, cumprindo ordens do governo, quando se amotinaram, ou seja, se recusaram a entrar no golfo arábico. Faz parte da convenção coletiva do trabalho dos marítimos e do artigo 143, inciso 4º do regulamento de tráfego marítimo também garante o direito de não navegar

em águas submetidas à guerra.

Mesmo assim, a tripulação foi imediatamente substituída e o novo comandante Luis Carlos Duarte já seguiu com demais tripulantes para um porto árabe onde dará prosseguimento à missão original do petroleiro, qual seja, navegar nas águas do golfo para trazer ao país um carregamento de petróleo já comprado.

É interessante notar que há rotas alternativas para esse carregamento de petróleo para o Brasil. Há diversos terminais petrolíferos de países árabes instalados em portos do Mar Vermelho, região praticamente fora da zona de guerra. As perguntas que ficam sem respostas: por que a insistência do governo pa-

ra que o petroleiro adentre nas águas perigosas do golfo, mesmo sabendo que vários navios já foram afundados? Por que essa intransigência mesmo sabendo que os preços das companhias internacionais de seguros triplicaram seu valores no golfo?

A resposta ainda é especulativa, mas não está de longe equivocado dizer neste momento que o governo brasileiro, pressionado pelos EUA para entrar na guerra, poderia estar querendo produzir um fato, um incidente, que pudesse justificar perante a opinião pública e o Congresso a entrada do país na guerra.

* Lejeune Matogrosso é sociólogo, professor da Unimep e colaborador da Classe Operária

NACIONAL

Fórum contra a recessão é o tema oposicionista

Um fórum nacional de luta contra a recessão e a política econômica do governo Collor. É isto que representantes da CUT, partidos e entidades democráticas e progressistas pretendem organizar a curto prazo em todo o país. Uma primeira reunião nesta direção foi realizada dia 30 em Brasília.

No dia 24, pela manhã, o presidente da CUT, Jair Meneghelli, esteve no diretório nacional do PCdoB, onde debateu a idéia com João Amazonas e outros dirigentes do partido, inclusive o secretário-geral da Corrente Sindical Classista, Sérgio Bar-

roso.

"Nossa intenção, com a realização de um grande encontro contra a política econômica do atual governo não é apenas para protestar", garantiu o presidente da CUT, acrescentando que o objetivo é uma massiva mobilização popular.

"É preciso ganhar as ruas, além de apresentar uma proposta alternativa, formular um calendário de lutas no país, algo que seja parecido com o movimento das diretas-já". Comentou que, embora "não seja o centro de nossas preocupações no momento, não estamos descartando as

greves. Queremos sobretudo politizar o movimento dos trabalhadores". Para Sérgio Barroso da CSC, "a idéia de politizar a luta é muito boa. Em 1990 tivemos um ano de resistência contra o plano, sendo que segundo informações do Ministério do Trabalho o número de grevistas de março a junho foi de 1.574.428 contra 1.178.260 no mesmo período de 89, indicando que o movimento cresceu.

Neste ano, a tendência aponta na direção de batalhas ainda maiores, politizar os trabalhadores é uma necessidade premente".

Encontro Classista

Barroso informou ainda que a CSC realizou um encontro nacional nos dias 26 e 27 de janeiro, no Sindicato dos Metroviários de São Paulo. Lá, a Corrente se posicionou contra a política recessiva, de desemprego do governo Collor; denunciou sua manobra dos últimos dias para cooptar os novos governadores de oposição na busca de tirar seu governo do isolamento. Sobre a guerra no Golfo, a CSC condenou a carnificina imperialista contra o povo árabe, os massacres de Israel ao povo pa-

lestino. É preciso que os sindicatos denunciem isso em seus boletins.

Quanto ao Congresso da CUT, a CSC fez um chamamento a todos os sindicatos a ela ligados e que ainda não se filiaram à Central para que cumpram seu cronograma. Da CSC vai depender a correlação de forças no congresso. Os classistas também fizeram uma ampla discussão sobre as alianças na central, que prosseguirá até às vésperas do congresso. As teses do congresso da CUT receberam várias sugestões e foram aprovadas em suas linhas básicas.

Comunistas denunciam banditismo dos EUA

Os partidos marxistas-leninistas de vários países manifestaram seu enérgico protesto contra a agressão militar norte-americana ao Iraque.

Já no dia 15 de janeiro, quando expirou o prazo dado pela ONU para que as tropas iraquianas se retirassem do Kuwait, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil divulgou a nota "Abaixo a Guerra": "A pretexto de desalojar tropas iraquianas que ocuparam o território do Kuwait em agosto do ano passado, o imperialismo norte-americano trata de iniciar a guerra. Conta para isso com uma jamais vista mobilização de tropas e artefatos de destruição altamente sofisticados, incluindo armas atômicas, condenadas mundialmente como instrumentos de genocídio".

Mais adiante, a nota do PCdoB denuncia a campanha política, diplomática e propagandística dos Estados Unidos que tenta apresentar o presidente nos Estados Unidos, "espécie de novo Hitler", como paladino da justiça e um "predestinado a salvar a humanidade da 'ameaça tirânica' de Saddam Hussein". Na opinião dos comunistas brasileiros os círculos imperialistas "invocam falsos argumentos históricos, como se o mundo estivesse assistindo à repetição do confronto entre as civilizações do Oriente e do Ocidente".

A nota do PCdoB qualifica ainda a resolução da maioria do Conselho de Segurança da ONU de autorizar o uso da força contra o Iraque como uma capitulação "à diplomacia brutal do canhão e do dólar".

Analisando o caráter do

Partidos do México e do Canadá protestam

"O mundo vive momentos de angústia e indignação ante a brutal agressão contra o Iraque desencadeada pela aliança imperialista encabeçada pelo governo dos Estados Unidos", afirma a nota do Partido Popular Socialista do México.

O comunicado exorta "os governos democráticos e os líderes progressistas de todo o mundo a unirem seus esforços para deter a guerra e para restaurar a autoridade da ONU como verdadeira instância para a solução política entre os Estados".

E finaliza: "Chamamos todos os mexicanos, todos os parti-



Manifestantes em São Paulo queimam a bandeira dos EUA e Israel

do conflito em curso, a direção nacional do PCdoB considera-o como "a continuação, por meios militares, da velha política expansionista do imperialismo norte-americano... O que está em jogo não é nem de longe o território Kuwaitiano, mas o controle político, econômico e militar de toda a região do Oriente Médio".

Finalizando, a nota afirma: "O Partido Comunista do Brasil junta sua voz à de todos os democratas e pacifistas do mundo e protesta energicamente contra a aventura bélica capitaneada pelo imperialismo norte-americano. Diante da terrível ameaça que se abate sobre os povos, conclamamos a população brasileira a condenar em atos públicos e manifestações públicas a guerra de agressão

dos políticos e as organizações sindicais, sociais e culturais a construírem uma ampla frente de luta contra a guerra e pela paz no Oriente Médio e por uma saída política com pleno respeito aos direitos legítimos dos povos e das nações dessa região do mundo".

Também o Partido Comunista do Canadá (marxista-leninista) emitiu uma nota protestando contra a guerra injusta movida pelos Estados Unidos e contra o apoio dado ao imperialismo norte-americano pelo governo canadense encabeçado pelo primeiro-ministro Mulroney.

dos Estados Unidos contra o Iraque, ao mesmo tempo em que repudiamos qualquer envolvimento do governo brasileiro na guerra como caudatário dos interesses estadunidenses".

Em outra nota, divulgada logo após o início dos bombardeios norte-americanos contra o território iraquiano, o Comitê Central do PCdoB diz: "Com re-

Em Portugal e na Espanha os partidos marxistas-leninistas acompanham atentamente o desenrolar dos acontecimentos no Golfo. Como se sabe, os governos de ambos os países têm dado declarações pró-americanas, despertando a inquietação da opinião pública com a possibilidade da entrada desses dois países na guerra.

Em comunicado à imprensa, o Partido Comunista Reconstituído de Portugal "junta sua voz aos milhões de vozes que por todo o mundo exigem a paz". Para os comunistas portugueses, a resolução da crise do Golfo deve ser por meios pacíficos. Ao contrário da lógica de guerra, desde o início alimentada pelos EUA, o PC Reconstituído defende a intensificação de todos os esforços, de forma a resolver-se pacificamente o problema, evitando o agravamento de uma situação que se poderá alastrar aos restantes países e povos árabes". Partindo desse pressuposto o PC(R) "condena a lógica de guerra que os EUA querem

impor... A presença massiva de armas e soldados americanos, a instalação de novas bases, a justificação de uma política belicista por parte dos EUA, apenas vem agravar o conflito... O PC(R) não aceita que por detrás da defesa hipócrita da legalidade esteja a pretensão do domínio da riqueza petrolífera, forma de os EUA tomarem o seu poder de superpotência imperialista".

Parar a guerra imperialista

Depois de assinalar que o aplauso à agressão norte-americana contra o Iraque veio dos "governos aliados" do Ocidente, incluindo o espanhol, da URSS e de todos os governos reacionários, o Partido Comunista da Espanha (marxista-leninista) diz, em nota assinada por seu Comitê Executivo: "O verdadeiramente importante é que o imperialismo desencadeou sua guerra, desafiando a vontade e os anseios de paz dos povos, que se manifestaram massivamente nas ruas das principais cidades de todo o mundo. O verdadeiramente importante é que com sua gigantesca máquina de guerra, os EUA

impõem-se uma vez mais como gendarme mundial todo-poderoso, com o respaldo entusiasta e vergonhoso da maioria dos governos do mundo e com o delírio e a euforia do sionismo, do governo de Israel assassino e belicista... O imperialismo quer impor sua vontade e não lhe importa que para isso tenha de fazê-lo sobre um cemitério".

cia do povo do Iraque, ato que lembra a época de Hitler".

A declaração da direção nacional do PCdoB faz também uma contundente crítica à cobertura jornalística feita pelos meios de comunicação: "Causa profunda indignação a todas as pessoas de bom senso a descrição cínica que fazem os sistemas internacionais de TV dos Estados Unidos do massacre levado a efeito pela aviação militar norte-americana no Iraque. Até parece que a humanidade voltou à era dos Circos Romanos".

O PCdoB considerou "incompletas e dúbias" as declarações feitas pelo presidente Fernando Collor, "depois de haver se omitido todo o tempo face aos preparativos e ameaças guerreiros dos Estados Unidos". Não basta, na opinião da direção nacional do PCdoB, que o Brasil reclame o cessar fogo e negociações. "O Brasil, pelo seu governo, precisa condenar energeticamente a política de guerra dos Estados Unidos e suas ações de banditismo no Iraque. Exigir a cessação dos atos de guerra norte-americanos e a convocação de negociações sérias e responsáveis de paz que envolvam os problemas conflitivos do Oriente Médio".

Os comunistas espanhóis condenaram a atitude da ONU que "santifica os crimes dos EUA". E criticaram duramente a posição do governo da Espanha de Felipe Gonzales e do rei Ruan Carlos "que arrastaram aos atos criminais do imperialismo 600 soldados espanhóis".

"Mais do que nunca", finaliza a declaração do Comitê Executivo do PCE(ml), "todos contra a guerra, contra a dinâmica de mortes e massacres capitaneada pelo imperialismo. Pela liberdade e a paz entre os povos. Aumentação e Memória das fábricas, os institutos de um grande grão comum. Parar a guerra imperialista!".

AS MUDANÇAS DE RUMO NA ALBÂNIA SOCIALISTA

João Amazonas

Em artigo denso, o presidente nacional do Partido Comunista do Brasil fala sobre a derrota mundial do socialismo, seus reflexos na Albânia e chega à conclusão de grande importância teórica e prática de que um pequeno país, atrasado, sozinho, não tem condições de construir o socialismo e avançar para o comunismo.

Depois das ocorrências no Leste europeu, que levaram à queda de governos espúrios, a Albânia sofre atualmente um processo de agitação anti-socialista. Parte da população manifesta, às vezes de maneira violenta, discordâncias com o regime existente. Isso acontece quando os dirigentes do Estado albanês promovem a democratização da vida do país. Pouco a pouco, a Albânia vai mudando de rumo.

Há muitas indagações entre os amigos e defensores do pequeno país à margem do Adriático. Que se passa? Como explicar os acontecimentos que ali se verificam? Existe semelhança com a linha da Perestroika de Gorbachov?

Nós, do Partido Comunista do Brasil - PCdoB, que sempre apoiamos a luta corajosa e até heróica do povo albanês, cheia de sacrifícios, solidária e internacionalista, temos o dever, como marxistas-leninistas, de opinar sobre o assunto em questão.

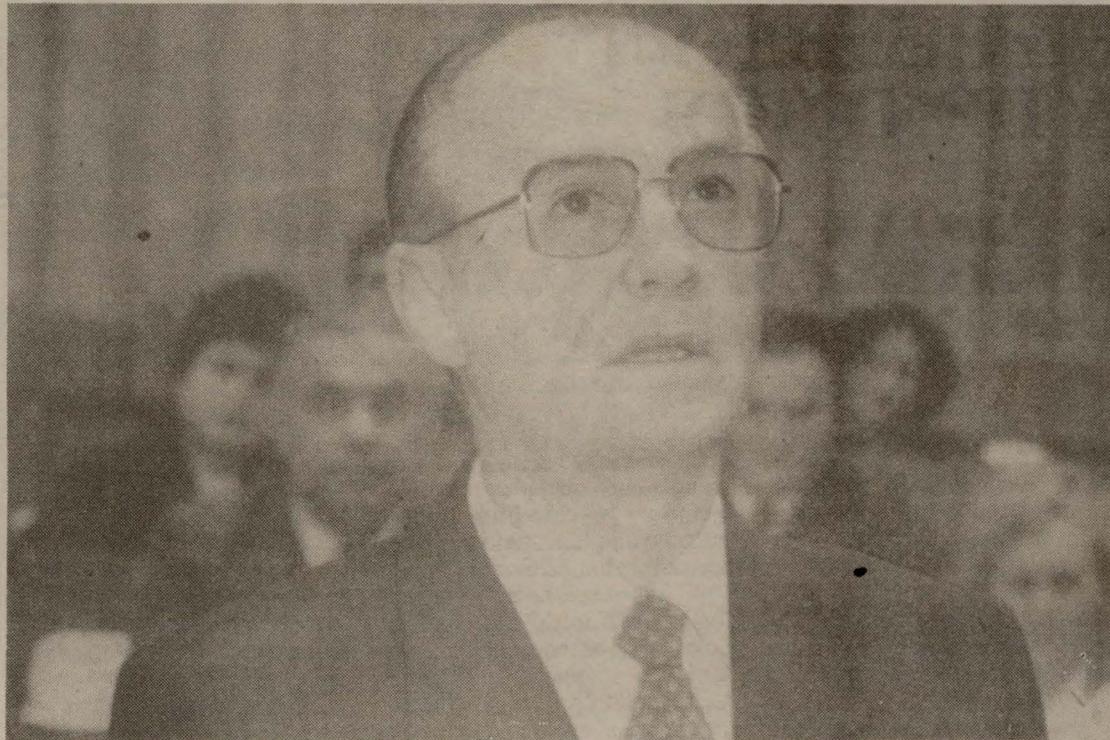
A derrota mundial do socialismo atinge também a Albânia

Começamos perguntando: pode um pequeno país, atrasado, sozinho, construir o socialismo e avançar para o comunismo? Somos de opinião que, do ponto de vista teórico, isso é inconcebível.

Marx e Engels, os fundadores da ciência social, afirmaram na sua época que a revolução socialista para ser vitoriosa deveria ocorrer simultaneamente nos países mais desenvolvidos. Com a passagem do capitalismo à etapa imperialista, Lênin demonstrou que se tornara possível a revolução em alguns países, ou mesmo, num só país. Esse só país, afinal, era a Rússia que possuía o maior território e imensas riquezas no conjunto do mundo.

A vida comprovou a justiça do pensamento dialético leninista. Arrostando enormes dificuldades e intervenções militares estrangeiras, a velha Rússia transformou-se radicalmente. O socialismo vingou e chegou a expandir-se a outros países. Foi golpeado mortalmente, faz mais de três décadas, em virtude do desvio oportunista da orientação de Kruschov e de erros na construção socialista.

Na época atual, o pensamento de Lênin acerca da possibilidade da vitória do socialismo num único país continua válido. Mas aplicável tão-somente



Ramiz Alia em discurso na ONU defende posições enganosas que se confundem com as dos imperialistas

a país de grande porte, ainda que medianamente desenvolvido, e contando com o ascenso do movimento revolucionário mundial. A reação está mais concentrada, a pressão política, econômica e ideológica muito mais forte. Tampouco há perspectiva a curto ou médio prazo de sério conflito militar entre as grandes potências.

Nas condições do mundo de hoje, é praticamente impossível o triunfo do verdadeiro socialismo num pequeno país. Seria efêmero, sem possibilidades de consolidar-se. Isso não significa que as pequenas nações estejam impossibilitadas de lutar pelo socialismo.

Todo movimento radical conseqüente sustenta essa bandeira. Mas sua estratégia deverá visar a conquista de governos de tipo popular-democrático, revolucionários, buscando formas intermediárias de aproximação dos objetivos mais altos e abrangendo áreas maiores de motivação revolucionária.

Ora, a Albânia socialista surgiu no seio de uma grande

comunidade de nações avançadas, tendo a União Soviética como base principal. Em tais condições, podia aceitar, apesar do seu tamanho e do seu atraso, o desafio histórico de realizar o socialismo. E assim procedeu.

Embora com contratempos, que não foram poucos, alcançou importantes êxitos. A reação propala que a Albânia é muito atrasada. No entanto, em relação ao atraso da época da Revolução, avançou bastante, sob um regime social novo. Onde não havia linhas férreas, escolas superiores e mesmo primárias em número considerável, indústria de qualquer espécie, desenvolvimento urbano, hospitais e habitações decentes para o povo - erigiram-se obras de relativa importância que deram nova feição àquele país. As condições de vida da população melhoraram sensivelmente. A expectativa da existência humana passou de 38 anos para nível superior a 70. E mais: a revolução albanesa defendeu a unidade nacional, a identidade de um povo que sempre esteve ameaçado na sua soberania.

Nenhum outro regime teria conseguido tais realizações.

Acontece que a comunidade socialista, na qual se incluía a Albânia, desapareceu há muito tempo. O movimento socialista revolucionário sofreu uma derrota de caráter histórico, com a traição de Kruschov e companhia. Afundou-se a base material da revolução proletária. Daí em diante, afrouxaram-se os laços internacionalistas. Voltou à cena o chovinismo grão-russo. Os revisionistas soviéticos chegaram à insensatez de romper relações com a Albânia.

Durante alguns anos, porém, ainda subsistiram formas de intercâmbio entre países europeus e também asiáticos que possibilitavam, embora precariamente, a sobrevivência de regimes como o albanês. Mas desabou a tempestade no Leste da Europa e a URSS, com a Perestroika, aderiu sem reservas ao campo contra-revolucionário. Como país socialista, a Albânia ficou só, no velho Continente. Atacada por todos os lados. Enfrentando séria adversidade econômica. E

carregando o ônus de erros cometidos na construção da nova vida. Em tais condições, poderá a Albânia manter-se como nação socialista?

As mudanças em curso na Albânia

Embora respeitando a opinião de camaradas albaneses, que continuam falando em regime socialista, somos de opinião que, na atualidade, o socialismo científico é irrealizável na Albânia. Seria um milagre, e não acreditamos em milagres. Faltam condições reais, mínimas, de sustentação de um sistema de padrão superior.

Muitas mudanças vêm sendo efetuadas nesse país. Umhas, positivas; outras, de conteúdo duvidoso. Alcançam todas as esferas da vida nacional, tendo em vista atender exigências do momento presente. Várias dessas medidas são destinadas a corrigir erros e a retificar concepções desfocadas do socialismo. Ao mesmo tempo, assentam as bases de funcionamento de um novo sistema, em que pesem as declarações em contrário dos dirigentes albaneses. Envolvem questões de ordem política, jurídica, econômica e social. A democratização do país passa a ser o objetivo fundamental. Em conseqüência, estabelece-se o Estado de Direito, muito próximo do modelo institucional da burguesia. Promovem-se eleições competitivas abrangendo diversos partidos e organizações de massas, o que pode conduzir à alternância de forças políticas no Poder com a substituição do governo socialista. Dá-se nova orientação à atividade das empresas estatais que em vários aspectos se assemelha ao sistema de autogestão. Permite-se os investimentos de capital estrangeiro em forma de *joint-ventures*, bem como concessão de créditos do exterior. Caminha-se no sentido de alargar a esfera da ação do mercado.

Não se pode dizer que tais medidas, de modo geral, sejam de fundo socialista. Têm outro conteúdo. Algumas justificam-se tendo em conta a atual situação da Albânia. Seria uma forma de tentar sair da crise econômica e política em que o país se vê envolvido.

Contudo, na alteração de rumo, há certas tendências perigosas, inaceitáveis para o movimento revolucionário internacional. Estão ligadas à ofensiva

ideológica do inimigo de classe, o imperialismo e seus sócios.

Situação adversa à atual transição

As transformações que se operam na Albânia não se fazem num clima internacional democrático e pacífico. Bem ao contrário. O sistema capitalista decadente realiza uma gigantesca campanha anticomunista, em particular depois dos acontecimentos do Leste europeu. Essa campanha raivosa visa destruir o socialismo em toda a parte, e não apenas esse regime, mas tudo o que é progressista no mundo. Trata de instigar os povos a hostilizar o comunismo. Procura incutir a idéia de que o socialismo fracassou, de que nada deu certo sob o governo proletário-revolucionário, de que a teoria marxista perdeu sua validade. Simultaneamente, proclama a pretensão superioridade do capitalismo como o melhor sistema de vida para os trabalhadores e o povo.

Um país como a Albânia, cercado por adversários hostis, sem recursos suficientes para satisfazer de imediato os anseios de bem-estar e progresso da população, em especial as reivindicações das novas gerações, é bastante vulnerável a essa propaganda, que ganha adeptos. Surgem manifestações de descontentamento em vários pontos do país. Estruturam-se partidos políticos de oposição. Seus aderentes reclamam não apenas democracia, mas o fim do governo comunista. Querem a destruição dos símbolos e das referências identificados com o comunismo. Por enquanto não são maioria, mas podem crescer com o apoio de fora, sobretudo se predominar o liberalismo no campo político. É evidente que se aprofunda a luta de classes. O apelo à unidade do povo em defesa da independência nacional, tem a sua razão de ser. Mas é bom ter em conta que em situações como essa, a nação se divide.

Concessões admissíveis mas não de princípios

São compreensíveis as dificuldades políticas que o governo e o PTA defrontam. Entende-se a abertura que tentam fazer junto a entidades e governos europeus. Concessões são admissíveis. O que não se compreende é uma linha de conduta que se confunda com as posições enganosas dos imperialistas. O discurso do camarada Ramiz Alia, na ONU, em alguns trechos, vai nessa direção. Ele diz que do balanço anual daquela entidade pode-se concluir que "finalmente a humanidade, às portas do século XXI, pode guiar-se na solução dos conflitos pela razão e não pelo recurso à força, pela

cooperação e não pela confrontação, pelo bom entendimento e não pela desconfiança". Nada disso corresponde à realidade. A política do imperialismo é, e será sempre, a de utilizar a força e não a razão, de empregar a violência contra os povos, de ir ao confronto bélico para impor a defesa de seus interesses rapaces. Foi isso o que fizeram os Estados Unidos ao agredir o Panamá, ao intervir militarmente em Granada e matar o seu presidente, ao hostilizar permanentemente Cuba e seu regime revolucionário, ao financiar mercenários para derrubar o governo da Nicarágua. Ramiz afirma também que se "pode valorizar e considerar como promissoras as mudanças que se produziram nas relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, os acordos que firmaram em relação ao de-

esclarecidos como um verdadeiro *anchluss* (anexação), lança nuvens sombrias sobre o futuro da Europa e do mundo.

Em tempo algum o imperialismo germânico contribuiu para a efetiva democratização das relações internacionais, sempre tentou sua hegemonia pelos mais bárbaros meios. A primeira vítima do banditismo desse imperialismo tem sido o povo alemão. Ramiz Alia, com uma visão muito unilateral e deformada dos acontecimentos do Golfo Pérsico, condena unicamente o Iraque. Não diz uma palavra sobre o problema maior do Oriente Médio que é a de guerra incitada por Bush e seus iguais. Centenas de milhares de soldados norte-americanos em territórios árabes estão prontos, e com data marcada, para atacar e transformar o deserto e as cidades ira-

a sair das dificuldades, enquanto esta mantiver no alto a bandeira do marxismo-leninismo, das conquistas obtidas pela revolução.

O antistalinismo, marca registrada da ofensiva reacionária

Desperta a atenção, na conduta do governo albanês, a decisão de retirar da praça pública a estátua de Stálin. Isso foi feito na calada da noite e por imposição de estudantes anticomunistas.

Surpreende essa atitude governamental. A retirada, e mesmo a derrubada de monumentos consagrados a Stálin, converteu-se numa atividade ferozmente antidemocrática dos revisionistas e dos fascistas. Assim ocorre-

em nenhum momento, caiu a bandeira gloriosa do socialismo.

Ao que parece, os camaradas albaneses se dissociam agora dessas opiniões que sempre defenderam intransigentemente. Por que tirar a estátua de Stálin da principal avenida de Tirana? Ela foi ali colocada por Enver Hoxha e seus companheiros da epopéia libertadora. Stálin não fez mal algum ao país das águias. Muito ao contrário. Em seu livro "Com Stálin", o chefe da revolução albanesa afirma calorosamente que "ele foi amigo fiel do povo albanês".

Pode-se concordar não ser o momento apropriado de prestar homenagens a Stálin, nem de evocar suas idéias e opiniões a cada instante. Mas não o é igualmente de entrar na onda anticomunista dos renegados do socialismo e dos representantes dos monopólios imperialistas - os Kruschov, Gorbachov, Bush, Thatcher, Kohl *et cetera* que tudo fazem para difamar a imagem daquele grande líder mundial e, por esse meio, atingir o movimento revolucionário dos explorados e oprimidos de todos os Continentes.

Preocupações justificáveis dos amigos da Albânia

Face ao quadro tumultuado da vida política albanesa, surgem preocupações sobre o futuro da Albânia. A par das afirmações de seus dirigentes de defesa do regime atual, ampliam-se as concessões aos opositores e contestadores do socialismo. Os que não concordam são chamados de conservadores tal como acontece na União Soviética. Muitos antigos e respeitados membros do Comitê Central do PTA vão sendo afastados de seus postos, sem maior explicação ao grande público.

Para onde vai a Albânia? Defenderá um projeto popular revolucionário que, mesmo não sendo socialista, assegure a independência nacional, garanta as conquistas do povo que custaram sangue e sacrifícios? Ou, de concessão em concessão, será arrastada a um regime anticomunista? A marcha dos acontecimentos, contraditória, nem sempre é previsível, sobretudo quando falta clareza acerca de onde se pretende chegar.

Ao manifestar diferentes pontos de vista sobre a atualidade albanesa, reafirmamos nosso apoio à luta do povo albanês em defesa da independência de sua pátria, em favor da liberdade e do progresso social, contra todas as ingerências provocadas das potências imperialistas que conspiram na sombra, e também abertamente, visando a derrubada do governo popular e a transformação da Albânia num cativo, dependente dos potentes do mundo.



A Universidade de Tirana: aí começaram as manifestações pela implantação do pluripartidarismo na Albânia

sarme e, em geral, sua maneira de considerar a segurança recíproca e geral".

As forças progressistas, antiimperialistas, pensam de outra maneira. Julgam com inteira razão que os acordos soviético-norte-americanos não passam de conluio contra os povos e contra a paz, sobretudo contra o movimento revolucionário. Mais adiante, o dirigente albanês elogia a unificação imperialista da Alemanha. "A reunificação alemã *por via pacífica* (o grifo é nosso) é um bom exemplo para a solução de outros problemas análogos". E aduz: "Tais soluções contribuem muito para a democratização das relações internacionais, para o fortalecimento da paz e da segurança, para a criação das condições adequadas a uma cooperação *sincera* (o grifo é nosso) e construtiva entre os povos". Isso também disseram os analistas da burguesia, e nem todos. A unificação é vista pelos povos

quianas num mar de sangue. O objetivo? Apossar-se das imensas reservas de petróleo a fim de garantir sua hegemonia mundial e de amenizar a profunda crise em que se debatem os Estados Unidos. As forças democráticas, no mundo inteiro, inclusive nos EUA, protestam contra a atitude guerreira de Bush, exigem paz e respeito aos direitos dos povos.

Que pretenderia o camarada Ramiz Alia com semelhante discurso que soa em falso no movimento revolucionário? Ganhar as boas graças do imperialismo? Ele tem presente a difícil situação do seu país. Cabe-lhe o direito de tentar ajuda e apoio no exterior para salvaguardar a liberdade e a independência de sua pátria. Mas não pode fazer concessões que sacrifiquem os nossos princípios. Nem alinhar-se com as posições do inimigo de classe. Além do mais, o imperialismo não ajudará a Albânia

na União Soviética, na Hungria (quando da contra-revolução, em 1956), em vários países do Leste europeu. O antistalinismo é marca registrada da ofensiva contra o progresso social.

Os marxistas-leninistas não são, nem podem ser, antistalinistas. Consideram que Stálin cometeu erros à frente da luta pela construção do socialismo. Alguns de certa gravidade. Tais erros precisam ser corrigidos sem contemplação. Tampouco endeu-sam, como no passado, o principal dirigente, depois de Lênin, do Partido Bolchevique. Entretanto, avaliam o papel de Stálin no plano histórico. E nesse terreno é inegável que prestou relevantes serviços à causa da revolução, aos interesses da paz e da democracia em todo o mundo. Foi chefe supremo da luta heróica contra o nazismo. Jamais capitulou frente ao inimigo imperialista por mais dura e difícil que fosse a situação. De suas mãos,

Tariq Aziz sustenta: Kuwait é criação do imperialismo

A ocupação do território kuwaitiano pelo exército do Iraque em agosto último não é, ao contrário do que alardeia sem cessar a imprensa ocidental, um ataque a uma nação soberana. O Kuwait só passou a existir como Estado após articulações desenvolvidas em Londres no início deste século, para preservar os interesses imperiais britânicos. Os habitantes do Kuwait lutaram por longos anos por sua incorporação ao Iraque.

As teses acima evidentemente se opõem a todos os argumentos lançados pelos Estados Unidos nos últimos meses para justificar sua mais recente ação militar no Oriente Médio. Mas embora ignoradas pelo público ocidental, elas foram expostas em um documento que circulou amplamente entre a comunidade diplomática de todo o mundo. Trata-se de uma carta enviada no início de setembro aos ministros do Exterior de todos os países pelo chanceler iraquiano Tariq Aziz. Ao longo do texto Aziz expõe de forma circunstanciada os argumentos que levam seu país a considerar o Kuwait a "19ª província iraquiana".

Partilha do Império Otomano

Ao longo de sua história milenar, argumenta a carta, o Iraque sempre foi um país marítimo, conhecido como centro de grande atividade comercial e por isso mesmo jamais deixou de possuir saída para o mar. Já o território conhecido hoje com Kuwait era até o fim do século 19 mera comarca pertencente à província de Basra - uma das partes em que os invasores otomanos haviam dividido o Iraque.

Ao fim da primeira guerra, o Império Otomano estava em ruínas. A França e a Inglaterra, vencedoras no campo de batalha, julgavam-se no direito de redividir o mundo segundo seus próprios interesses. E ao fazê-lo retalharam continentes, apartaram povos de si mesmos, fraturaram interesses e vontades nacionais. Pelo tratado de Sykes-Picott, assinado em 1917, prossegue o texto de Aziz, a Inglaterra "separou parte do Iraque de maneira cínica, visando privá-lo de sua saída natural para o Golfo Arábico."

Kuwaitianos pela unidade

O Estado iraquiano, fundado em 1921, rejeitou desde este instante o desmembramento de parte de suas terras. E chegou a manter esta posição mesmo em momentos em que foi dirigido por governos atrelados aos interesses britânicos, hegemônicos na região. A Inglaterra, que manteve o Kuwait como protetorado até os anos 1960, agiu de forma oposta. Foi "vigorosamente contrária a qualquer projeto que aproximasse os cidadãos do mesmo povo... e permitisse qualquer ligação permanente", prossegue o documento da chancelaria iraquiana. E exemplifica. Na década de 20 vetou tanto a construção de um canal para irrigar

o Kuwait quanto de uma ferrovia que garantisse ao Iraque o acesso ao oceano. Em 1940 "substituiu a administração iraquiana dos serviços do correio no Kuwait por outra britânica". E em 45 "os conteúdos programáticos iraquianos adotados nas escolas do Kuwait seriam substituídos por outros, egípcios".

Nos anos 30 cresceu o clamor pela reincorporação ao Iraque da antiga província. E garantem as palavras do chanceler Tariq Aziz que também no Kuwait a população saiu às ruas para erguer a mesma bandeira. O documento é minucioso neste trecho: "Um grupo de 'kuwaitianos livres' apresentou, em maio de 1938, um pedido ao governo iraquiano para que seus desejos fossem realizados mediante a volta do Kuwait ao Iraque e a formação de um 'bloco nacional' que exigisse do então xeque do Kuwait, Ahmed Al-Sabah, a constituição de uma Assembléia Legislativa... O xeque, contra sua vontade, concordou. Na primeira sessão da Assembléia, em 1938, seus integrantes pediram a volta do Kuwait ao Iraque, o que não agradou a seu governante que declarou, em 21 de dezembro de 1938, a Assembléia dissolvida e deu início à perseguição de seus membros... As coisas chegaram ao ponto em que foi deflagrada uma grande rebelião, organizada pela juventude kuwaitiana em 10 de março de 1939. O governador usou armas para dispersar este levante".

Preço do petróleo arrojado

A luta pela reunificação sofreu um retrocesso a partir de 1939, quando morreu o rei Ghazi, do Iraque, "num misterioso acidente", e "os colaboracionistas da Grã-Bretanha tornaram-se situação no Iraque", continua o documento. Reanimada pela revolução iraquiana de 58, ela seria de novo sufocada cinco anos mais tarde, quando um novo regime antipopular se instalou em Bagdá. Na tentativa de sepultar os esforços pela pátria comum, a Inglaterra concedeu em 1961 independência formal ao Kuwait, que no entanto permaneceu subordinado aos interesses ocidentais.

A chama da unidade territorial voltaria a brilhar em 1968, com uma nova revolução que colocou, no Iraque, o Partido Baath no poder. A nota de Tariq Aziz prossegue: "Durante os anos 70 foi o Iraque quem tomou a iniciativa de conversar com os governantes do Kuwait, visando encontrar solução, mas eles insistiam, estimulados por seus aliados ocidentais, em que o Iraque aceitasse as medidas impostas pelo colonialismo britânico".

Interrompida mais uma vez com a guerra Iraque-Irã, a luta pela reunificação recobrou fôlego em 88, assegura o chanceler iraquiano. E acirrou-se com as constantes manobras kuwaitianas para manter arrojado o preço internacional do petróleo, em benefício dos países imperialistas. Em 5 de agosto do ano passado, os tanques iraquianos invadiram o Kuwait e o dominaram em 8 horas.

Iraque denuncia a ONU e revela morticínio da população

O ministro das Relações Exteriores do Iraque, Tariq Aziz, enviou em 24/1 nova mensagem ao secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar. Trata-se de uma denúncia veemente contra o caráter espoliador e profundamente desumano da guerra que as potências ocidentais movem contra o Iraque. É também, contudo, uma crítica ácida ao fato da campanha militar ocorrer sobre os auspícios das Nações Unidas, cuja Carta de Princípios prega a paz e a justiça. A seguir, os trechos principais da carta de Aziz.

"Excelentíssimo senhor,

Desde o início da agressão americano-atlântico-sionista contra nosso país as forças agressoras vêm praticando crimes hediondos e premeditados contra cidadãos iraquianos e bens econômicos, culturais, científicos e religiosos de nosso grande povo, de participação milenar nas civilizações humanas. Temos sempre alertado, e explicado a V. Ex^a. de maneira clara e detalhada, que a aliança imperialista visava à destruição do Iraque emergente, que adota uma política independente e recusa a hegemonia norte-americano-sionista na região.

Os ataques agressivos, bárbaros e premeditados realizados pelas forças da aliança imperialista-sionista criminosos, em nome da ONU, em todas as partes do país, fornecem evidências categóricas de que os governos dessa aliança aspiram vingar-se contra o brioso povo iraquiano e sua liderança lutadora, devido a seu enfrentamento aos objetivos imperialistas desses governos.

É realmente vergonhoso que esses crimes premeditados se cometam com a cobertura das resoluções aprovadas pelo Conselho de Segurança da ONU. O fato de que membros do Conselho e autoridades desses países tenham recebido suborno representa episódio comum e notoriamente conhecido. Os povos da Ásia, da África, da América Latina, que sofreram a injustiça, opressão e crimes dos antigos colonialistas e neo-imperialistas, encontram hoje, na tão falada 'nova ordem mundial', uma era obscura de terrorismo e ameaça. A supressão do papel de equilíbrio exercido anteriormente pela União Soviética abre caminho amplo aos antigos colonialistas, para que voltem a impor a hegemonia e o terror. A novidade é que o método colonialista foi utilizado desta vez, sob a cobertura de resoluções injustas, em nome da ONU. Os países que apro-

varam essas resoluções pelos métodos já mencionados, e V. Ex^a. pessoalmente, são os responsáveis perante a História e a Humanidade pelos crimes hediondos cometidos contra o povo livre e brioso do Iraque.

A seguir, exemplos dos bárbaros atos premeditados cometidos pelas forças de agressão, de 17 a 21 de janeiro.

(Nota: A Classe condensou o relato que se segue, sem alterar seu conteúdo).

"Província de Bagdá:

1. Bombardeio da cidade de Saddam, e da ilha residencial de Bagdá.
2. Bombardeio dos bairros residenciais Sete de Abril, Kassra, Taazia, Al-Maarifa, Nyeria, Gayara, Qadissiyah, dos Mártires, Kaarradat-Mariam, Waziriah e Al-Min 2; incêndio dos bairros da Jordânia e dos bancários.
3. Incêndio de um prédio do Correio e de um posto de saúde.
4. Bombardeio de fábricas de papelão, de espuma e de óleos vegetais.
5. Bombardeio do Museu Nacional do Iraque.
6. Bombardeio dos Centros de Defesa Civil nas áreas de Abou-Ghreb e Al Shaab.

Província de Salah-Al-Pin:

1. Bombardeio da comarca de Baiji, do povoado de Albujeira, dos municípios de Al-Door e Tikitri, dos bairros residenciais de Kut e Lafiyah, da comarca de Mussayeb e da região de Teladhb.
2. Bombardeio da mesquita de Al-Bazi.

Província de Nínive:

1. Bombardeio da Igreja de São Tomás.

Província de Babilônia:

1. Bombardeio das zonas residenciais do município de Latifiyah e da comarca de Mussayeb e à região de Teladhb.
2. Danos à fábrica de têxteis finos de Hayllah
3. Bombardeio do centro de saúde na capital da província.

Província de Âmbar:

1. Bombardeio de um depósito de alimentos para a população civil, na região de Abu-Ghreb.
2. Bombardeio do centro populacional da região de Albujeira, dos municípios de Al-Mukheib e Hit, e da região de Azragula.
3. Ataque à fábrica de fosfato

de Qaim.

4. Bombardeio de uma fábrica de laticínios para crianças.
5. Bombardeio de uma área para criação de galinhas no centro da província.

Província de Qadissiyah:

1. Bombardeio de centro habitacional na capital da província.
2. Bombardeio de edifício residencial, provocando também danos no prédio do governo da província.
3. Bombardeio do complexo da Companhia geral de veículos automotores.
4. Bombardeio de depósito de alimento e uma fábrica de farinha.
5. Ataque ao bairro dos professores.

Província de Almuthanna:

1. Bombardeio aéreo ao trem que viajava de Bagdá para Basra.

Província de Missan:

1. Bombardeio aéreo a áreas civis das comarcas de Qalatsaleh e Al-Kahle.
2. Bombardeio de uma fábrica de cimento.
3. Bombardeio da usina de abastecimento de água da população civil.
4. Bombardeio dos bairros residenciais da cidade de Najaf e Koufa, dos bairros El-Emir e Al-Moutanabi, em Koufa.

Província de Vthiker:

1. Lançamento de bombas esféricas sobre os municípios de Souqalshukha e Al-Batha.

Província de Qerbala:

1. Bombardeio de bairros residenciais na capital da província.
2. Bombardeio de fábrica de cimento.

Província de Basra:

1. Bombardeio da capital da província, abrangendo Basra, Bourjousiyah, Al-Asma'E; do bairro de Atba Bin Ghazwan; das regiões de Harthara e Assafiyah; dos municípios de Faw e Zubair.

Tariq Aziz
Ministro das Relações Exteriores da República do Iraque"

Nota da Redação: O cômputo das perdas humanas registradas na nota de Tariq Aziz revela a existência de pelo menos 329 mortos e 407 feridos entre a população civil. A própria descrição dos danos materiais, porém, indica que este número pode estar muito abaixo do real.

O Iraque resiste ao imperialismo

U m b e r t o M a r t i n s

A guerra no Golfo Pérsico já está produzindo algumas surpresas francamente desagradáveis ao imperialismo norte-americano.

A primeira, e certamente a principal, relaciona-se à duração do conflito. A perspectiva de uma vitória fácil e rápida, com uma rendição iraquiana em poucos dias e sem grandes lutas, arrogantemente cultivada e prometida por Bush, revelou-se ilusória.

O fim do sonho de uma guerra relâmpago, substituído por um cenário de batalhas arrastadas a prazos mais ou menos longos, anuncia também novas e mais graves complicações à estratégia imperialista. Tende a desdobrar-se, por exemplo, em fissuras no meio da capenga aliança formada contra o Iraque, a começar pelos países árabes e muçulmanos da região que se posicionaram ao lado dos Estados Unidos ou declararam neutralidade.

Indubitavelmente o tempo corre a favor do Iraque. Conforme observou o general (da reserva) e historiador jordaniano Yousef Kawash, em entrevista publicada na "Folha de S. Paulo", "enquanto o presidente iraquiano estiver conseguindo prolongar a guerra, ele estará ganhando.

Não há dúvida sobre o poderio militar dos EUA, da França ou da Inglaterra, mas penso que o objetivo principal do Iraque é fazer uma guerra bastante longa porque muitas situações novas vão aparecer no mundo árabe e no mundo islâmico com o prolongamento.

Saddam sabe disso".

Lobo em pele de cordeiro

A imprensa, em especial a TV, insiste em martelar que Israel é uma vítima inocente na guerra do Golfo. Os bombardeios iraquianos seriam um despropósito, diante da atitude quase que pacifista do governo israelense. É os judeus, mais uma vez - assim como na II Guerra - seriam alvos preferenciais dos "guerreiros de satã".

Mais uma vez, a contra-informação ganha tons de verdade. Israel, artificialmente criado em 1948 para abrigar os judeus, duramente perseguidos por hitleristas e demais racistas na Europa, foi imposto como uma cunha entre os povos árabes. E os sionistas trataram de aprofundar um outro racismo - o racismo anti-palestino e anti-árabe - entre os judeus que para lá migraram.

Armado até os dentes, Israel logo mostrou que foi criado não para abrigar os judeus, mas para defender os "interesses ocidentais" no Oriente Médio. Realizou ataques criminosos aos países vizinhos. Expulsou palestinos. Ocupou a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Bombardeou e destruiu Beirute. Promoveu o massacre de Sabra e Chatila, onde milhares de palestinos refugiados foram

Palpite infeliz

O desejo e o palpite infeliz sobre uma decisão rápida do conflito, manifesto pelo governo norte-americano, traduziu um equívoco do Pentágono acerca da capacidade de resistência do povo iraquiano. Uma subestimação que também parece presente na avaliação das reservas potenciais que o tempo pode colocar a favor de Saddam Hussein, transformando em realidade a possibilidade de generalização do conflito na região e mesmo de um progressivo isolamento dos EUA.

Com base no maciço bombardeio sobre Bagdá e na utilização de armas convencionais sofisticadas, nos dois primeiros dias da guerra os meios de comunicação monopolizados por forças pró-americanas transmitiram a fácil e falsa imagem de uma vitória rápida dos "aliados". A tática iraquiana, de não retaliar na altura pretendida pelo inimigo e resistir segundo o princípio de economia de forças, foi tomada por covardia e sinal de iminente capitulação.

A esperança norte-americana, com efeito, era de que a demonstração da evidente superioridade aérea e a imposição de graves danos militares e civis fossem suficientes para quebrar a moral e a vontade dos iraquianos, provocar uma deserção em massa e a rendição. O próprio Hussein, entretanto, participou de uma manifestação de massas na capital do país, reafirmando a disposição de lutar e a convicção de que a vitória caberá ao Iraque.

Alguns dias de guerra dissiparam as ilusões ianques, deixando claro que as maiores façanhas da má-

assassinados covardemente.

Agora ninguém mais menciona o fato. Mas Israel também já bombardeou o Iraque - e não estava em guerra contra este país. Foi em 7 de junho de 1981. A aviação de guerra sionista invadiu o Iraque e destruiu a central nuclear de Tamur - com vítimas civis, naturalmente.

A Anistia Internacional acaba de condenar Israel por também utilizar os palestinos como reféns no atual conflito do Golfo. Nas regiões onde vivem os palestinos, não existem, alarmes contra os bombardeios. As máscaras de gás só foram distribuídas (e em número insuficiente) após uma apelação judicial dos moradores. Impera o toque de recolher. Civis são presos indiscriminadamente (muitos mortos a sangue frio). E presos políticos estão sendo deslocados para a Usina de Dimona, para formar um escudo humano contra possíveis ataques.

E, embora "sem fazer retaliações" contra o Iraque, Israel bombardeia o Líbano - não alvos militares, mas aldeias palestinas. Crimes sionistas. Crimes que transformaram os palestinos em mártires. Em "judeus do pós-guerra". *Carlos Pompe.*

quina bélica norte-americana foram a morte em massa de civis (cerca de 400 nos primeiros dias, segundo denúncia do governo iraquiano à ONU; milhares, conforme alguns analistas independentes), destruição de fábricas de leite em pó, residências, museus e até cidades consideradas sagradas. "A força militar do Iraque está praticamente intacta", constatou recentemente a revista "The Economist".

As vantagens arrotadas pelos generais ianques, inclusive a "completa destruição das bases de lançamento de mísseis e da aviação iraquiana", não foram senão contra-informações, logo desmentidas pelos fatos. A aviação, por si só, não decidirá a sorte da guerra, tornando inevitáveis os temíveis combates entre as tropas no deserto.

Papel do povo

Mas provavelmente o maior erro do Pentágono reside na avaliação do papel e da capacidade de discernimento das massas do Oriente Médio acerca do conflito. A esmagadora maioria dos árabes percebe com invulgar clareza o caráter imperialista da ação levada a efeito pelos Estados Unidos contra o povo iraquiano, cuja heroica resistência é enaltecida e incentivada pelos povos da região.

Os ataques promovidos contra Israel ajudaram a esclarecer ainda mais a natureza do conflito e os interesses em jogo. A "nova ordem mundial" pretextada pelos Estados Unidos não é senão a velha e injusta ordem neocolonialista, que expressa a hegemonia americana e a sujeição dos povos da região e que têm em destaque a posição ocupada pelos israelenses e as reacionárias monarquias que dominam alguns países do golfo.

O campo inimigo não poderia se apresentar de forma mais nítida às massas. Manifestações de milhões em todo o Oriente Médio e no Norte da África evidenciaram de que lado está o povo e seus interesses. É este elemento, "perigosíssimo para a causa árabe", conforme observação da "The Economist", que poderá alterar, e muito, o curso da guerra.

Se a solução do conflito fosse rápida, conforme esperavam os norte-americanos, não haveriam maiores problemas para os "aliados". Porém, "Saddam Hussein mostra determinação, seus chefes militares mostram determinação, e vontade é uma coisa muito importante nessas situações", como acentuou o general Yousef Kawash. Influi sobretudo na determinação da capacidade de resistência e duração da guerra.

Cada batalha torna menos remota a possibilidade de implosão da aliança forjada pelos norte-americanos, que é extremamente frágil. Boa parte dos governos árabes envolvidos, particularmente Síria, Egito e Marrocos encontram-se em fran-



Saddam já conquistou "coração e mente" dos árabes

ca oposição aos seus próprios povos e é bem difícil que permaneçam por tempo indeterminado contra o Iraque.

Mesmo países considerados neutros, como Jordânia e Irã (que embora não seja uma nação árabe e tenha travado uma guerra de oito anos contra Saddam Hussein sente a presença do inimigo maior, o imperialismo norte-americano), demonstram uma clara disposição pró-Iraque. Diariamente as massas iraquianas e jordanianas vão às ruas manifestar apoio aos iraquianos e exigir de seus governos a declaração de guerra contra os EUA.

No caso do Irã, há fortes indícios de que o país se prepara para entrar no conflito ao lado do Iraque. Ainda na segunda semana do conflito o governo concedeu que aviões de Saddam Hussein pousassem em seu território para se preservar dos bombardeios "aliados".

Por seu turno, os EUA têm realizado notáveis ginásticas diplomáticas para impedir uma participação direta de Israel no conflito e preservar a "aliança" que conseguiu forjar com o argumento dos dólares. É, ao que tudo indica, uma luta contra o tempo.

As fissuras entre os árabes, caso ocorram, poderão se desdobrar em cisões também no seio das potências que Bush reuniu em torno dos seus próprios interesses, tornando os EUA a um progressivo isola-

mento nesta guerra. A renúncia do Ministro da Defesa da França, Jean Pierre Chevènement, que denunciou inclusive o abandono dos "objetivos traçados pelo Conselho de Segurança da ONU" (desocupação do Kuwait), com os maciços bombardeios contra o Iraque, que tornou-se alvo prioritário e até o momento quase único dos EUA, é apenas um sinal de que até neste campo a "aliança" pouco tem de sólido. Afinal, conforme falou Chevènement, o objetivo maior da guerra é manter e fortalecer a hegemonia dos EUA sobre o mundo e não é bem este o plano das outras potências.

Da mesma forma, tal propósito contraria não só a marcha da história como os interesses dos povos. Isto vem ficando claro nas manifestações de massa em todo mundo a favor da paz e contra o imperialismo ianque.

Inclusive no vizinho México até a grande imprensa tem expressado irresistível simpatia por Saddam Hussein e pelos árabes, obviamente em função da antipatia do povo pelos EUA. O tempo corre e pode carregar muitas surpresas, inclusive desmentir o que hoje, amplamente propagandeado, parece ter sido incorporado ao senso comum: a idéia de que o destino da guerra já está previamente decidido e a vitória dos Estados Unidos é simplesmente inevitável.

Liderança do PCdoB condena postura do governo Collor



O líder do PCdoB na Câmara protestou contra o posicionamento do governo brasileiro

Discursando em nome da bancada do PCdoB na Câmara Federal, o deputado Haroldo Lima reafirma a sua posição de combate ao imperialismo norte-americano e ataca a posição do governo brasileiro.

Já tivemos oportunidade de manifestar desta tribuna, em nome do PCdoB e em meu próprio nome, nosso repúdio à guerra de agressão e conquista que os EUA estão desfechando contra o Iraque. Dissemos que não aprovamos a ocupação do Kuwait pelo Iraque, da forma como foi feita, mas assinamos que o Kuwait foi parte integrante do Iraque e foi destacado de seu território, em 1961, por imposição da Inglaterra. O pleito do Iraque a respeito do Kuwait deveria sofrer ainda um tratamento diplomático, político, não necessariamente militar. Enfatizamos esta questão para que não se identifique a ocupação que o Iraque fez do Kuwait, território vizinho, outrora unificado, sob o qual existe histórica dependência - com as invasões absurdas que o imperialismo norte-americano

tem feito ao longo de sua história, às vezes a milhares de quilômetros de distância, abertos desrespeitos aos povos atingidos, como do Vietnã, República Dominicana, Granada, Panamá, Libéria.

Por isso, voltamos a dizer que, é de uma hipocrisia total, de uma falsidade absoluta, a razão alegada pelos EUA para invadirem o Iraque, que seria um protesto por que uma nação invadiu outra.

A guerra em curso permite-nos outras observações. Em primeiro lugar, esta guerra de agressão dos EUA é apresentada como se fosse uma guerra da ONU, ou autorizada pela ONU. Mas o artigo 1º da carta de fundação da ONU estabelece que a entidade tem por finalidade expressa "manter a paz e a segurança internacionais"; o artigo 2º formaliza que os países membros devem "evitar o uso da força contra a integridade territorial de qualquer Estado". Em nenhum instante, nem de forma velada ou insinuada, a Carta da ONU admite que esta entidade promova a guerra a pretexto de assegurar a paz ou outra qualquer desculpa. Por conseguinte, os EUA conseguiram subverter as Nações Unidas levando-a a patrocinar, ou autorizar uma guerra brutal, descaradamente imperialista. Além disto, os EUA conseguiram que todas as potências do chamado 1º mundo se unissem contra um país do 3º mundo, que a URSS ficasse quietinha ante a infame guerra, China também e, finalmente, levaram até a que nações árabes apoiassem e ficassem contra outra nação árabe irmã.

Senhor Presidente. É muita manobra dando certo! Sabendo como funciona o mundo capitalista, ficamos logo desconfiados de que, por trás de tudo isso, correu muito dólar.

Queremos traduzir agora trecho de importante matéria publicado pela revista "The Spotlight", de Washington, em seu número de 24/12 de 1990. Diz a revista a certa altura: "Mas as resoluções das Nações Unidas dirigidas contra o Iraque foram o resultado da corrupção de George Bush nas Nações Unidas. De acordo com o Dr. Jean-Paul Pradier, um francês especialista em defesa, que é consultor de sistemas das Nações Unidas, no sentido de alinhar uma aliança mundial contra o Iraque, a Casa Branca distribuiu auxílio militar de

emergência, empréstimos, concessões comerciais, perdões de dívidas, subsídios emergenciais e por baixo do pano recursos à esquerda e à direita. Mais especificamente - continua a revista - a Turquia recebeu 7 bilhões de dólares, a Síria 1 bilhão, a China 4 bilhões, o Egito 8 bilhões, Israel 1 bilhão extra e a Etiópia 450 milhões de dólares". "E, finalmente," - ainda a revista - "a compra de votos pelos EUA na ONU se efetivou através de sua posição no Banco Mundial e no FMI, pelas decisões de emprestar dinheiro ou ainda, para conceder ou retirar a outras Nações o status preferencial para negociar". Agora a conclusão da revista americana, Senhor Presidente: "Em suma os EUA corromperam as Nações Unidas com a compra de seus votos".

A revista "The Spotlight" não se refere, todavia, como é que os EUA conseguiram o voto do Brasil, Senhor Presidente. Mas Bush esteve por aqui, aliás ocupou quase que militarmente este Congresso, e permitiu que os EUA exportassem para o Brasil o tal super-computador. Estranha coincidência.

Para encerrar Senhor Presidente, queria aproveitar a oportunidade para protestar contra o posicionamento do governo brasileiro, expresso diversas vezes pelo Ministro Rezek, posicionamento de total servilidade ao governo americano. O governo brasileiro esforça-se por repetir os mesmos raciocínios americanos, sem independência ou originalidade.

O governo brasileiro deveria deixar tamanha docilidade para quem recebeu bilhões de dólares. Ou será que o super-computador implicou em outros compromissos?

Errata: A edição anterior (de 15 a 31 de dezembro de 1990) é nº 56 e não 55.

O mundo diz não à guerra e fora o imperialismo yanque

Manifestações por todo o mundo dão conta da rejeição à guerra no Golfo. No dia 28 de janeiro, Amã, a capital da Jordânia, assistiu à uma passeata com cerca de 3 mil palestinos.

Foi uma demonstração de apoio ao Iraque.

Até agora, foi a maior manifestação pró-Iraque desde a eclosão do conflito.

Os manifestantes pediam que o governo lhes desse armas para lutar contra Israel. "Saddam, continue jogando mísseis sobre Tel-Aviv" - cantavam os palestinos.

A revolta palestina reflete uma estratégia positiva do Iraque. Saddam viu que a causa palestina está incluída no conflito.

Mostrando-se intransigente em ceder às pressões dos americanos e seus aliados,

foi à guerra, provocando uma rápida reação pela paz no mundo todo, organizada por correntes de esquerda, progressistas e pacifistas.

Nos EUA pipocaram grandes manifestações em Washington, Nova Iorque e importantes cidades do interior. Centenas de pessoas presas.

Em várias capitais, principalmente na Europa, no Oriente Médio e nas Américas, milhares de pessoas foram às ruas contra a guerra. Amsterdã, Berlim, Londres, Paris, Bruxelas, Lisboa, Madri, Casablanca, Trípoli, entre outras, fizeram atos que condenaram a arrogância americana, sua intromissão imperial num conflito para os povos árabes arbitrarem e também participação bélica de outras potências anti-Iraque.

Na Praça Ramos, no centro de São Paulo, a organização instalou barracas. Há um grande abaixo-assinado, exigindo o fim da agressão americana no Golfo.

Repercussão no Brasil

Aqui, foi criado em São Paulo, o Comitê Contra Guerra. Ele é composto, entre outras organizações, pela CUT, PCdoB, PT, PCB, MR8, Conam, UJS, UNE, UBES, UBM, Sociedade Palestina e CBM. A entidade já edita um boletim. Nele, procura-se quebrar a cadeia de informações da grande imprensa, divulgar as manifestações pelo país contra a guerra e as atividades do Comitê Internacional Contra a Guerra. Além disso, será organizada a ajuda humanitária com medicamentos e alimentos não perecíveis ao povo do Iraque.

Na Praça Ramos, no centro de São Paulo, a organização instalou barracas. Há um grande abaixo-assinado, exigindo o fim da agressão americana no Golfo.

Expediente

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas
Editor: José Reinaldo Carvalho
Redação: Antônio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins
Diagramação e Arte: José Luiz Muñeira Reyes
Endereço: Rua Adoniram Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 São Paulo-SP
Telefone: (011) 36-7531 e 36-0412
Telex: 11-21983
Fax: (011) 36-4104